

SUPPORTANDO-NOS UNS AOS OUTROS

“Exorto-vos pois, eu, o prisioneiro do Senhor, a andardes de modo digno da vocação a que fostes chamados: com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros com amor, procurando conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz.” (Efésios 4, 1-3)

Férias

O verão chegou e, com ele, os dias longos, as férias escolares dos mais novos, subitamente cheios de tempo nas mãos para gastar, e por fim, agora ou mais tarde, as tão esperadas férias familiares. No entanto, quantas vezes chegamos ao fim das férias mais cansados do que no início? E quantas vezes a quebra de rotinas familiares se traduz em mais stress e mais conflitos? Na verdade, a rotina é uma ótima aliada da paz, ao permitir que todos saibamos, a qualquer momento, o que é esperado de nós. Mas o verão traz uma quebra de rotinas importantíssima, que nós, cristãos, somos chamados a aproveitar de forma muito especial.

O mundo diz-nos que o importante nas férias é estarmos todos ocupados: os adultos, ocupados a descansar o mais possível; os mais novos, ocupados em campos de férias que os mantenham longe dos computadores, ou então, ocupados nos seus computadores longe dos afazeres dos pais.

A dignidade da vocação a que fomos chamados

A proposta deste mês é antes a de S. Paulo: aproveitemos a quebra de rotinas que inevitavelmente acontecerá por estes dias para contemplar a dignidade da vocação a que fomos chamados. Somos – marido e mulher, pais e filhos – uma família, fundada sobre o vínculo do matrimónio. Esta vocação vem primeiro, antes de qualquer profissão, ministério paroquial, movimento eclesial, antes das amizades e hobbies. E só conseguimos contemplar a sua dignidade se nos dispusermos a dar-mo-nos tempo para o fazer.

É, realmente, muito mais fácil inscrever os filhos num campo de férias para evitar que passem o dia ao computador, do que educa-los de forma a que aprendam a não passar o dia ao computador; é muito mais fácil confiar aos escuteiros, aos campos de férias ou a atividades municipais e paroquiais a responsabilidade de ensinar os nossos filhos a montar uma tenda, a sobreviver na floresta, a fazer uma fogueira, a nadar e a escalar, do que trabalharmos juntos na construção de aventuras familiares; e não há dúvida de que se evitam milhares de conflitos, quando pais e filhos passam o dia ou a semana longe uns dos outros, ou quando marido e mulher perseguem, em férias, hobbies diferentes, com grupos de amigos diferentes.

Naturalmente que alguns dias ou semanas longe de casa podem ser muito importantes para um adolescente, sobretudo se se tratar de passar tempo com outros familiares ou amigos de coração, ou se se tratar de um campo de férias com valores católicos. Mas não multipliquemos estas experiências, passando de umas para

outras com medo de que se aborreçam em casa, ou com a convicção – errada – de que só assim desenvolverão capacidades essenciais. O mais importante das férias é mesmo este tempo alargado, sem rotinas rígidas, uns com os outros, no seio da nossa família - esta vocação a que fomos chamados.

Humildade, mansidão e longanimidade

S. Paulo destaca três virtudes essenciais, três frutos do Espírito Santo a fazer crescer dentro das nossas casas, que se traduzirão de várias maneiras: um tom de voz amigável, mesmo quando os filhos – ou os pais - nos fazem “perder a paciência”; disponibilidade para servir os interesses do outro, o que pode significar oferecermo-nos para lavar a louça, aceitar jogar este jogo e não aquele, ceder um brinquedo, obedecer quando são horas de mudar de atividade... É precisamente quando quebramos rotinas que temos oportunidade para testar a nossa humildade, mansidão, paciência e generosidade, isto é, longanimidade.

Supportando-vos uns aos outros com amor

“Suportar” não significa, para um cristão, “tolerar”. A tolerância, valor tão apreciado pelo mundo, não é um valor cristão. De facto, nós *toleramos* o tempo e o trânsito, mas as pessoas, essas, nós *amamos*. A tolerância está talvez ligeiramente acima do ódio, mas fica tão, tão abaixo do amor!

S. Paulo diz-nos que, pela prática destas três belas virtudes, suportemos os irmãos, isto é, que sejamos, para eles, um *suporte*: o marido, de sua mulher, e vice-versa; os pais, de seus filhos, e vice-versa. Ser um suporte é precisamente o contrário de deixar correr, de não se empenhar, de se preocupar apenas com o seu tempo, o seu espaço, o seu “direito ao prazer” de verão. Se nos treinarmos a suportarmo-nos mutuamente, com gestos simples de atenção e serviço ao outro, tornar-nos-emos pilares que permitirão construir a nossa casa na rocha. Em algumas famílias, o peso da casa recai quase todo sobre uma única pessoa, ou sobre o casal. O desafio do verão e das férias familiares é repartir este peso por todos, com criatividade e intencionalidade.

A unidade e a paz

Iremos dar-nos conta de algo curioso: estes dias diferentes começarão cheios de conflitos, consequência natural da quebra de rotinas e do tempo mais longo passado em conjunto, mas terminarão, elevando a família a um nível superior de unidade e de paz. Vai valer a pena dedicarmo-nos com mais intensidade e intencionalidade, sem pressa, à vocação a que fomos chamados, suportando-nos uns aos outros com amor.

Que símbolo podemos colocar no nosso Canto de Oração? Objetos da natureza, como rochas, pinhas ou folhas, empilhados e apoiados uns nos outros? Em alternativa, façamos, por brincadeira, uma pirâmide humana, antes de começar a rezar... E ninguém esquecerá a mensagem. *Ámen!*